

A BARGANHA PELO FAVOR DIVINO



INTRODUÇÃO

“Inaugurada em abril de 2010, a Catedral de Guarulhos, da Igreja Universal, tem capacidade para 1.500 pessoas. No culto iniciado às 9h30 pelo pastor Jefferson Paulo apenas metade dos assentos estavam ocupados (...). Foi o pastor Jefferson quem dirigiu os trabalhos por quase duas horas. Uma boa parte da cerimônia foi dedicada à divulgação de um pedido de dízimo a ser entregue no próximo domingo. Os fiéis receberam um envelope com um folheto dentro, intitulado **‘A bênção das 7 notas’**, ilustrado com imagens de notas de R\$ 100, R\$ 50, R\$ 20, R\$ 10, R\$ 5, R\$ 2 e R\$ 1. O pastor explicou que o dízimo deve ser pago com uma nota de cada – o que totaliza R\$ 188. *‘Eu determino que nenhuma dessas notas venha faltar na minha carteira’*, diz o folheto¹.

A reportagem acima é uma triste constatação de como os princípios do Evangelho têm sido deturpados, de uma maneira nunca vista antes. Os adeptos da “teologia da prosperidade” conseguiram inserir no inconsciente coletivo das pessoas a ideia de que é possível dar “algo”, a um Deus que tem “tudo”, mas que, ainda assim, é um ser carente de oblações humanas. Mas deixo aqui duas perguntas. A primeira: o que nós podemos entregar (ou “pagar”) a Deus que não seja fruto do que recebemos dEle? A segunda: como Deus pode “cobrar” de nós algo que tem origem tão somente na Graça e Misericórdia que provém dEle?

ILUSIONISTAS DA FÉ

A Bíblia não nos ensina fazer uma barganha com Deus. Não somos ensinados a ter que dar tanto para receber outro tanto. Deus não se condiciona aos nossos caprichos, quando nos abençoa é pela sua misericórdia e tudo que recebemos é por sua infinita graça, aliás, os movimentos da fé, conhecem pouco acerca da doutrina da graça, uma doutrina tão defendida pelos reformadores – o Deus Todo Poderoso, que conhece tudo e que faz infinitamente mais do que pedimos ou pensamos, está sendo trocado por, Aladim o gênio da lâmpada, que só é buscado quando precisam de algum favor. Um Deus que tem que cumprir com todos pedidos dos “pregadores da Fé”.

¹ **Maurício Stycer**, do UOL Eleições. Fonte: <http://eleicoes.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/10/31/no-altar-padre-critica-pt-e-pastor-pede-voto-em-dilma.jhtm>

A barganha feita com Deus, mediante a crença e observância da “benção das sete notas”, propagada pela IURD, não é diferente da atitude de Simão, um ilusionista que se encontrava na cidade de Samaria. Ele era novo convertido (cf. Atos 8:9-13) e contemporâneo de Pedro e João – que estavam na cidade orando pelos novos cristãos (cf. Atos 8:14-15). “*Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro, dizendo: Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo.*” (Atos 8:18-19).

O texto bíblico que narra o episódio em que Simão tenta comprar dos apóstolos o poder de operar milagres foi denominado de “**simonia**” (ato de Simão). O termo passou a definir especificamente a venda dos favores e bênçãos divinos, o comércio ou tráfico de coisas sagradas e espirituais, tais como sacramentos, dignidades, indulgências, dons espirituais e benefícios eclesíasticos.

Todas as igrejas que se propõem a negociar as bênçãos de Deus, seja no Catolicismo Romano, ou Protestantismo, ou Pentecostalismo ou Neopentecostalismo, tem um mesmo pai: Simão, o feiticeiro.

O que difere a atitude de Simão da dos adeptos da “bênção das sete notas” difundida pela IURD? Nenhuma, a não ser o método, pois os princípios são os mesmos. Simão queria dar dinheiro em troca do poder de “transmitir” o Espírito Santo para as pessoas. Os participantes da “bênção das sete notas” da IURD querem dar R\$ 188,00 em troca de que ‘*nenhuma dessas notas venha faltar carteira*’.

A resposta que o apóstolo Pedro deu a Simão representa bem o posicionamento do Evangelho de Cristo no que concerne a forma de atuação do favor Divino:

“*Mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro. Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, dessa tua iniquidade e ora a Deus, para que, porventura, te seja perdoado o pensamento do teu coração; pois vejo que estás em fel de amargura e em laço de iniquidade.*” (Atos 8:20-23)

Simão queria usar o Espírito Santo para torná-lo mais atraente e seu negócio mais bem sucedido. Para ele, o poder do Espírito era uma *commodity* comercial a qual poderia ser comprada como um investimento. Ele teria prostituído a unção em favor de um ganho pessoal. Não é à toa que os apóstolos lidaram com ele de modo tão severo: “*O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir, por meio dele, o dom de Deus*”.

De acordo com o pastor Caio Fábio, “*um livro apócrifo chamado de ‘Os Atos de Pedro’ continua a narrativa que o livro dos “Atos dos Apóstolos” encerra. E acrescenta que Simão teria prosseguido em seu caminho, vindo, posteriormente, a desafiar a Pedro, tendo levitado diante do apóstolo e de uma grande multidão. Mas Pedro teria orado, e Simão teria despencado ao chão; tendo sido depois disso apedrejado pela multidão.*”. Caio Fábio completa: “*É obvio que tudo isto é ‘apócrifo’; servindo para*

mim, aqui, apenas como uma ilação acerca do que poderia ter acontecido a Simão. Isto por que, como disse, o livro de 'Atos' não diz nada. Deixando que Simão entre para a história como uma Dúvida."² (grifo meu).

Eu, particularmente, creio que o possível fim de Simão (queda e humilhação) representa também o destino final daqueles que, consciente ou inconscientemente, se tornaram adeptos da “benção das sete notas”. O que restará a eles será apenas a frustração por uma “oferta” não correspondida e menos dinheiro (R\$ 188,00) no bolso.

Hoje, infelizmente a simonia é uma das principais características do neopentecostalismo brasileiro, onde bênçãos e prosperidade são trocadas por dinheiro. Igrejas como a “Universal do Reino de Deus”, “Internacional da Graça de Deus”, “Mundial do Poder de Deus”, dentre tantas outras igrejas “globais”, têm ao longo dos anos propalado heresias das mais estapafúrdias, comercializando em seus cultos, objetos mágicos, utensílios ungidos, dentre outras coisas mais. São práticas sincréticas³ totalmente estranhas aos verdadeiros princípios do “Reino de Deus”, da “Graça de Deus” e do “Poder de Deus”.

A simonia é um pecado grave que deve ser combatido pela Igreja de Cristo. Sem sombra de dúvidas, a prática de comercializar a fé não é bíblica, e os que agem desta forma devem ser repreendidos, bem como chamados ao arrependimento publicamente.

UMA GRAÇA QUE NÃO SE ALCANÇA



Comumente nos deparamos com testemunhos de pessoas que “alcançaram” determinada “graça” após ter feito algum tipo de promessa a Santo Expedito, ou a Senhora Aparecida ou para algum outro personagem sacrossanto. Nos testemunhos essas pessoas afirmam que, em resposta (pagamento) a essa “graça alcançada”, farão o possível e o impossível para cumprir o seu voto. Nem que para isso elas tenham que viajar centenas de quilômetros a pé, subir

ajoelhado os 382 degraus da escadaria de certa igreja ou então os 392,20 metros da passarela de uma determinada basílica. Mas esse tipo de “graça” em nada tem a ver com a verdadeira Graça anunciada pelo Evangelho de Cristo.

² Veja: <http://www.caiofabio.net/conteudo.asp?codigo=02471>

³ **Sincretismo.** Fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos. (Dicionário Houaiss)

A Graça de Deus não se alcança. A Graça de Deus nos alcança. Escrevendo a Igreja em Roma o apóstolo Paulo afirma que nós somos *“justificados gratuitamente pela graça de Deus, pela redenção que há em Cristo Jesus”* (cf. Romanos 3:24). O apóstolo ainda enfatiza que *“o salário que o trabalhador recebe não é um presente, mas é o pagamento a que ele tem direito por causa do trabalho que fez. Porém a pessoa que não põe a sua esperança nas coisas que faz, mas simplesmente crê em Deus, é a fé dessa pessoa que faz com que ela seja aceita por Deus, o Deus que trata o culpado como se ele fosse inocente. E isso foi o que Davi queria dizer quando falou da felicidade daqueles que Deus aceita, sem levar em conta o que eles fazem.”* (Romanos 4:4-6 - NTLH). Paulo conclui dizendo: *“Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça...”* (Romanos 4:16a).



O termo “graça”, do grego χάρις (*cháris*), denota aquilo que dá ou ocasiona prazer, deleite. Com referência ao favor divino, há ênfase em Sua liberdade e universalidade, seu caráter espontâneo, como no caso da misericórdia redentora de Deus, e o prazer ou alegria que Ele designa para o recipiente; desta forma, é posto em contraste com dívida⁴. Sendo assim, a Graça de Deus opera

em nós tão somente por causa da bondade, misericórdia e do infinito e imensurável amor de Deus. Sendo assim, não há como uma pessoa alcançar qualquer tipo de Graça divina através de méritos próprios.

Infelizmente, vivemos em um época aonde milhares de fiéis vão até certas igrejas evangélicas esperar por milagres de curas, exorcismo, e para aumentar sua renda familiar, seguindo muitas vezes pessoas que não dispõem sequer de educação básica para transmitir uma mensagem coerente e concisa do que é viver para Deus e Jesus.

O festival de mercantilização da fé dá nojo de ver. É um caso de polícia em que o Estado, à guarda de preceitos constitucionais, se mantém inerte feito uma pedra, enquanto a mercadagem da crença ataca milhões de incautos por esse país afora, faturando milhares de reais que vão engordar as contas dos “pastores das ovelhas do Criador”. É tempo de reavirmos nos princípios de fé e defendermos a bandeira um Evangelho puro, simples e gracioso.

Nele, que nos salvou da perdição eterna pela Graça (cf. Efésios 2:8), totalmente de graça, por causa do muito que nos amou (cf. João 3:16; 15:9; Gálatas 2:20b),

⁴ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 679-680 p.